

MODELO CUBANO DE CRESCIMENTO DO REINO: A IGREJA SISTÊMICA¹

CUBAN MODEL OF GROWTH OF THE KINGDOM: THE SYSTEMIC CHURCH

Daniel González García²

RESUMO

Em meio a uma enxurrada de modelos estrangeiros que propõem uma solução para o crescimento de igrejas, o Modelo Cubano surge como um padrão estrutural que nasceu da realidade atual de Cuba, tornando-se uma ferramenta útil para o desenvolvimento de estratégias para o avanço do Reino. O presente artigo pretende apresentar este modelo por meio de seus pressupostos, definições, particularidades, vantagens e fraquezas, bases bíblicas e variações.

Palavras-chaves: Igreja. Reino de Deus. Crescimento. Cuba.

ABSTRACT

Amid a flurry of foreign models that propose a solution to church growth, the Cuban model emerges as a structural pattern that was born out of the current reality of Cuba, making it useful for developing strategies for Kingdom

¹Texto original em espanhol, traduzido por Claiton André Kunz.

²O autor estudou Engenharia de Telecomunicações no Instituto Superior Politécnico de Havana (1989-1993), é graduado em Teologia (1993-1997) pelo Seminário Teológico Batista de La Habana (STBH) e mestre pelo STBH em parceria com o Southwestern Baptist Theological Seminary de Fort Worth, Texas/EUA. É diretor da Escola de Missões do STBH desde a sua fundação. Fundou o movimento de plantação de igrejas na Ilha da Juventude e dirigiu o projeto Cuba 2010, que mobilizou centenas de igrejas de várias denominações. Atualmente pastoreia a IBSS e coordena o projeto URBANO 2020 para a cidade de Havana. E-mail: gonzlezgarcadaniel@yahoo.es

advancement. This article presents this model including its assumptions, definitions, characteristics, advantages and weaknesses, biblical basis and variations.

Keywords: Church. Kingdom of God. Growth. Cuba.

INTRODUÇÃO: POR QUE UM MODELO CUBANO?

Um “modelo” é uma estrutura teórica de um sistema ou de uma realidade complexa, que é feito para facilitar a compreensão e o estudo do seu comportamento. É um arquétipo, padrão ou ponto de referência que serve de amostra para repetir o mesmo fenômeno em circunstâncias semelhantes.

As condições especiais que temos agora em nosso país (Cuba) exigem o desenvolvimento de um modelo que nos ajude de fato a entender a forma mais eficaz em que a igreja cubana pode organizar suas estratégias para a expansão do Reino.

Devemos procurar maximizar o potencial de nossas estruturas para alcançar os melhores resultados. Não é o momento de usar um tamanho XGG; precisamos de estruturas ajustadas, feitas sob medida. Embora cada país tenha suas próprias peculiaridades, as circunstâncias atuais de Cuba a tornam um caso *sui generis* em meio a um mundo globalizado. As situações que enfrentamos são tão peculiares que nos tornam duplamente merecedores de um modelo particular. Uma dessas peculiaridades, por exemplo, é o elevado índice de receptividade do evangelho que a população cubana tem evidenciado durante um período de quase 20 anos.

Se acreditamos que Deus lida com cada pessoa individualmente, temos mais razões para acreditar que Deus tem planos específicos para cada igreja local, cujas realidades históricas e contextuais não são repetíveis. Portanto, assim como é nossa responsabilidade estarmos atentos ao que Deus quer que façamos em cada etapa de nossas vidas, é responsabilidade da liderança da igreja buscar a direção de Deus para os próximos passos que temos de dar como Corpo de Cristo.

Precisamos de um modelo que cause a continuidade daquilo que o Senhor nos permitiu realizar até aqui. Para além da nossa incapacidade, resistência e relutância, Deus firmou as bases para desenvolver entre nós uma maneira particular de expandir seu Reino. Agora, temos de perceber quais eram as limitações que nós mesmos colocamos e nos unirmos ao plano de Deus para completar o que falta neste modelo poderoso.

Nos últimos anos, temos aplicado modelos que irmãos de outros lugares têm se

esforçado para elaborar e implementar em seus próprios contextos e, em seguida, têm compartilhado. Nós implementamos modelos que não tínhamos desenvolvido, que têm sido eficazes em outros contextos, mas que não nasceram de nossas realidades. Deus abençoou aqueles que têm demonstrado disciplina e fidelidade elaborando suas ferramentas e quer nos abençoar da mesma forma - portanto, temos de criar, usar e aperfeiçoar as nossas próprias ferramentas. Sendo que Cuba é um dos países que experimentaram maior crescimento da igreja nas últimas décadas, é natural que proponha o seu próprio modelo. Se temos sido beneficiados pelos modelos que outros desenvolveram, podemos abençoar por meio do modelo ao qual o Senhor está nos levando.

Espero que a leitura, o estudo e a discussão deste artigo promovam a busca e implementação de novas estratégias e gere um movimento intenso dentro da igreja evangélica, resultando na implantação de igrejas em cada uma das nossas comunidades. Somos nós que temos maiores evidências para buscar o Senhor, estabelecendo as formas em que devemos realizar o Ministério da Reconciliação em nosso país. Está na hora de, sob a direção e visão de Deus, projetarmos o nosso próprio modelo.

I. PRESSUPOSTOS

I.1 Não existe uma estrutura eclesiástica única que tenha sido fixada a partir do Novo Testamento e que deva ser sustentada perpetuamente pela igreja

Hoje em dia existem muitas estruturas eclesiásticas e as igrejas experimentam as vantagens e desvantagens daquelas estruturas que têm adotado:

Em termos de prática e função, a verdade é que, provavelmente, não havia um modelo único no Novo Testamento, mas muitos modelos... Em meio a uma grande diversidade, as igrejas do Novo Testamento estavam unidas na chamada para serem conformes à imagem Cristo, cujo corpo eram.³

O desenvolvimento do governo ou política dentro da igreja primitiva foi gradual e progressivo. Era um sistema caracterizado por tentativa, erro e mudança. Todos os sistemas que têm sido desenvolvidos desde então tiveram seus pontos fortes e pontos fracos. A busca do sistema perfeito ainda continua.⁴

³LEONARD, Hill J. *La naturaleza de la iglesia*. Buenos Aires: CBP, p. 49.

⁴BROWN, Lavonn D. *La vida de la iglesia*. Buenos Aires: CBP, p. 130-131.

1.2 A institucionalização é uma realidade necessária para a igreja atual em sua manifestação local e terrena

Pessoalmente não creio que a oficialização seja um elemento de interesse fundamental para a Igreja de Cristo. De fato, concordo que, em geral, a estrutura de uma igreja se diversifica quando, ao se institucionalizar, tenta preencher os requisitos tanto do governo quanto da associação a que se filia. Ambos os grupos exigem local, equipe oficial e uma compatibilidade, em termos de programas, com a maioria das igrejas a que estão associados, entre muitos outros parâmetros antes de reconhecer que um grupo de crentes é oficialmente uma igreja.

Mas, por outro lado, é ilógico ignorar a institucionalização como uma realidade inevitável e uma necessidade estratégica para a igreja. Líderes oficiais, ministério público, realidades econômicas e influência social são alguns dos elementos que pertencem à esfera institucional da igreja.

Sempre que as pessoas se organizam para uma finalidade ou interesse comum, a entidade social resultante é conhecida como uma associação. Se tais associações demandam muito tempo, elas devem ser formalizadas como organizações ou instituições. Clubes, sociedades secretas e até mesmo reuniões informais podem ser consideradas associações. Associações e instituições são o coração da organização social. A coisa mais importante é que a igreja também é uma associação.⁵

Estas estruturas organizacionais são também uma indicação de que as igrejas das Cartas Pastorais já estavam mostrando sinais de institucionalização... A institucionalização é inevitável para uma organização que deseja continuar existindo e crescendo além de sua primeira geração. Foi exatamente a formação de liderança e a estrutura organizacional que levaram à estabilização da igreja.⁶

1.3 O Movimento de Igrejas Caseiras é o complemento para a crise estrutural que apresenta a igreja histórica em Cuba diante de sua responsabilidade de fermentar suas comunidades

Por quase um século, a estrutura de nossas igrejas tem girado em torno dos edifícios onde elas realizam seus programas. Estes edifícios têm sido para nós escolas, pousadas, restaurantes, hospitais, centros de recreação, teatros, espaço

⁵ CALEB Project. *Exploring the land*. p. 108.

⁶ GEHRING, Roger W. *House church and mission*. p. 299.

para ensaios, santuário e muitas outras coisas. Os momentos mais importantes dos crentes têm ocorrido nestes edifícios. Ali são apresentados quando nascem, comemoram seu aniversário de quinze anos, são batizados, casam-se, celebram o fim de ano, e às vezes até mesmo passam seu luto.

Estes edifícios têm se tornado não apenas o centro de operações da igreja, mas o lugar quase exclusivo onde expressamos a nossa fé, nossos dons e ministérios. Tanto é assim que, embora saibamos que a igreja é o grupo de crentes, denominamos esses edifícios de “minha igreja”. Não é de se admirar que o desejo da maioria das novas igrejas que se tem estabelecido é ter seu próprio edifício.

Mas, durante as duas últimas décadas, esta estrutura centrada em prédios não tem sido suficiente para atender o crescimento que Deus tem produzido em sua igreja cubana e do qual nos tornou responsáveis.

É evidente que nossas igrejas cresceram até onde os seus templos permitiram. Nossos amados edifícios, sendo o centro de nossas estruturas, tornaram-se uma mordaca. Este modelo também tem limitado o crescimento de liderança e desconectado a igreja de sua comunidade.

Isto leva à conclusão de que é preciso aumentar e diversificar nosso espaço de operações. Alguns procuraram expandir seus templos, a preços altíssimos, para perceber que após uma ampliação já era necessária outra ampliação. Outros multiplicaram o número de cultos, para perceber que haveriam de fazer cultos todos os dias, algo que nem todos estão dispostos.

Entretanto, há ainda outra opção para aumentar o espaço por meio da multiplicação de unidades de crescimento. Estamos vendo um milagre semelhante ao da vasilha de azeite (1Rs 17); não deixemos que cesse o azeite por falta de recipientes.

Durante as duas últimas décadas, o Senhor tem nos mostrado que o uso das casas é a estratégia que mais tem contribuído para o crescimento da igreja. Cultos nas casas, missões, células e casas de oração são diferentes formas pelas quais fizemos uso de nossas casas. Deus tem dado todo este tempo para que possamos entender o Modelo que Ele quer que adotemos, no qual a casa é usada não apenas para realizar alguns dos programas de nossa igreja, mas como um lugar ideal onde um grupo de crentes funciona plenamente (ainda que com uma liturgia diferente) como o Corpo de Cristo, sendo uma expressão fundamental da igreja local. Estamos presenciando uma nova modalidade de utilização das casas: a igreja caseira.

1.4 A localização geográfica onde a igreja ministra deve ser o elemento que determina o adjetivo da expressão “Igreja Local”

A história adverte que é perigoso criar uma estrutura eclesial institucional que transcenda as localidades, mas também reconhecemos que é inoperante para o avanço do Reino e extremamente divisório reduzir a igreja local a uma escala menor do que a localidade onde ministra.

A menos que existam limites da identidade e lealdade extremamente amplos, impermeáveis e permanentes (mesmo após a conversão) que evidenciem a existência de grupos étnicos tão diferentes que exijam esforços independentes de plantação de igrejas dentro da mesma localidade,⁷ devemos pensar em uma igreja para a localidade. Portanto, devemos estar preparados para segmentar corretamente nossas localidades sendo coerentes com seu crescimento e dinâmica social. Os parâmetros de Watchman Nee são um guia primário para determinar os limites de uma localidade - um lugar: 1) onde pessoas se agrupam para viver; 2) com um nome independente e 3) que é a menor unidade política.

1.5 Precisamos de uma estratégia especial para espaços urbanos

O grau de urbanização em Cuba é atualmente de 76%. Em Cuba existem 6993 assentamentos humanos, dos quais 591 são urbanos. Em apenas 8% dos assentamentos humanos encontra-se 76% da população de Cuba.

Em apenas 27 cidades (com mais de 40 mil habitantes) encontra-se cerca de 50% da população cubana. Ou seja, apenas 0,4% dos assentamentos humanos que existem em Cuba abrigam quase 50% da população. No entanto, são nestes 0,4% de assentamentos urbanos onde menos igrejas foram plantadas nestes últimos 20 anos. Entre outras coisas, isto pode ser devido a:

a) Não tivemos, dentro da estrutura organizacional de nossas igrejas, um espaço para um órgão (comitê, departamento, ministério, junta) que seja responsável pela plantação de igrejas. Se ninguém é oficialmente responsabilizado, nomeado e designado dentro da congregação para ocupar-se com a plantação de igrejas, então esta não é nem planejada e nem executada.

b) As igrejas nas grandes cidades não tem visto sua Jerusalém como um campo missionário para plantar novas igrejas. Acreditamos que uma má compreensão dos conceitos de evangelismo e missões, o conceito que temos do missionário cubano

⁷Não encontramos este fenômeno em qualquer cidade de Cuba.

e o isolamento social das nossas igrejas, juntamente com muitos outros elementos doutrinários, éticos e estruturais, têm feito com que as igrejas pensem mais de duas vezes antes de ver sua Jerusalém como um campo missionário e dedicando-se em suas comunidades. Temos abandonado o trabalho missionário da nossa Jerusalém, direcionando a implementação dos dons e chamados para lugares mais distantes.

c) Quase simultaneamente ao movimento de culto nas casas que surgiu em Cuba no início dos anos 90, chegou a influência do movimento das megagregas (variante norte-americana de crescimento de igrejas), que interrompeu a evolução do movimento nativo.⁸ Para uma megagreja, reunir muitas pessoas no culto dominical é a marca fundamental de sucesso do seu ministério. Isto influi de maneira determinante no momento de fundar outras igrejas dentro do mesmo aglomerado urbano, pois a igreja-mãe já não pode contar com os membros das igrejas filhas para participar no culto de domingo (além disso, há interesses estatísticos, econômicos, etc).

Outro elemento que pesa dentro da influência deste modelo modificado de crescimento da igreja é a forte ênfase do individualismo que está baseado nos cultos sensíveis aos “buscadores”. Os cultos são tão atraentes que as pessoas, mesmo depois de convertidas, continuam sendo “clientes assíduos”. Isso não é ruim em si mesmo, mas acaba influenciando tanto os cristãos que lhes é praticamente impossível privá-los desses cultos, mesmo que seja para plantar uma nova igreja no bairro onde ele mora.

Não se pode esquecer que no meio cubano o uso da casa de um irmão é a forma mais comum e natural de surgimento dos locais de reunião das novas igrejas. Quem decide começar uma nova igreja em sua casa está basicamente renunciando ao deleite semanal desses cultos, pois é impossível reproduzi-los no contexto de uma igreja caseira. Assim, completa-se um círculo perigoso de uma liderança que não tem interesse em perder os ouvintes do domingo e uma membresia que não tem interesse em deixar de desfrutar os cultos inspiradores.

d) Os códigos que restringem a criação de novas igrejas. Existem códigos legais externos e códigos de ética internos que limitam o estabelecimento de novas igrejas. Por exemplo, um código legal externo é a regulamentação que impede a formalização de uma Igreja (Casas Culto) a menos de dois quilômetros de uma outra da mesma denominação. As cidades cubanas têm densidades populacionais elevadas, de forma

⁸ Nota do tradutor: no original, “movimento criollo”. No contexto, a palavra *criollo* significa “nativo”. Também pode significar “jeito cubano de fazer”.

que em dois quilômetros potencialmente podem existir dezenas de congregações. O homólogo interno desta lei estatal está no código ético que protege o patrimônio das igrejas institucionais históricas sobre territórios inteiros das cidades. Das 14 grandes cidades do Ocidente de Cuba, nas quais a Convenção Batista de Cuba Ocidental tem “jurisdição”, 9 têm apenas uma congregação com uma média de 172 membros. Em várias das outras cidades a causa do aparecimento de uma segunda congregação foi a divisão por conflito. Estes dois códigos praticamente congelam territórios inteiros de nossas cidades impedindo a plantação de igrejas e ignorando que, mesmo a cidade sendo um assentamento humano, dentro dela existem múltiplos grupos populacionais (bairros, departamentos, vizinhança, conselhos populares, etc.) que precisam da presença de igrejas locais em cada um deles.

e) A falta de treinamento para orientar os líderes das igrejas no planejamento de estratégias missionárias autóctones. Uma das razões por que usamos modelos importados é porque não temos tido treinamentos que capacitem solidamente nossos líderes para planejar suas próprias estratégias locais. O modelo cubano, como todas as ferramentas do Projeto CUBA 2010, fornece para as igrejas cubanas uma resposta a esta necessidade de estratégias missionárias autóctones.

2. APRESENTAÇÃO DO MODELO

Definição: o Modelo Cubano de Crescimento do Reino é um padrão estrutural básico que tem sido implementado para facilitar a plantação de igrejas nas comunidades. Qualquer igreja, junta missionária, convenção ou denominação que pretenda traçar uma estratégia para a plantação de igrejas como parte de seus esforços para o avanço do Reino em nossa nação pode aproveitar o modelo cubano como um método bíblico e contextualmente apropriado.

Propósito: destina-se a prover a base estrutural adequada para o desenvolvimento de uma igreja sistêmica⁹ em Cuba, capaz de entrar no sistema circulatório de nossas cidades para transformá-las espiritualmente de forma significativa, e maximizar assim o potencial da Igreja Local em sua tarefa de estender o Reino de Deus desde Jerusalém até os confins da terra. Não buscamos somente igrejas autóctones (letárgicas), mas igrejas que tomem as avenidas sócio-culturais por meio das quais fluem a vida de nossas comunidades.

⁹1. **Sistêmico**, adj. Pertencente ou relativo a totalidade de um sistema; geral, em oposição a local. || 2. **Med.** Pertencente ou relativo a um organismo em seu conjunto. || 3. **Med.** Pertencente ou relativo a circulação geral do sangue.

Essência: essencialmente é a combinação simultânea de duas estruturas eclesiais mutuamente complementares: a *Igreja Histórica* (Institucional) e a *Rede de Igrejas Caseiras* (Populares).

Descrição:¹⁰ o Modelo Cubano combina o “institucional” das Igrejas Históricas com o “popular” das Igrejas Caseiras. O Modelo Cubano pretende que uma Igreja Local se expresse como o Corpo de Cristo por meio da *saudável dualidade de estruturas* que coexistem para fortalecer a singularidade e a unidade da Igreja.

O Modelo Cubano oficia um casamento feliz entre essas duas estruturas mutuamente necessárias, no qual os pontos fortes de uma complementam os pontos fracos da outra e vice-versa (“as duas serão uma só estrutura”), gerando um *poderoso binômio estrutural*. É a criação de uma nova estrutura eclesiástica por meio da combinação de duas estruturas, sem que estas percam a sua essência básica.

No Modelo Cubano a carruagem do Reino avança puxada por dois *caballos estruturais*: a Igreja Histórica e as Igrejas Caseiras. Ambas as estruturas envolvem-se como *as engrenagens de um relógio mecânico*: uma vai em alta velocidade e a outra com um movimento mais lento, e juntas dão o tempo do Reino. A estrutura “institucional” coloca o ritmo que protege a sã doutrina, enquanto a estrutura “popular” mantém a igreja atualizada, tornando-a culturalmente transcendente e acessível.

As Igrejas Caseiras garantem que o Cristo encarnado em sua igreja esteja disponível em todos os cantos da cidade, enquanto a Igreja Histórica garante a expressão pública, oficial, jurídica e cívica da unidade do Corpo de Cristo. A Igreja Caseira é horizontal, enquanto a Igreja Histórica é vertical.

As Igrejas Caseiras garantem o discipulado individual, o ensino personalizado, o serviço orientado e a adoração como estilo de vida, enquanto que a Igreja Histórica assegura os ministérios especiais e profissionais, a celebração da Igreja de Cristo nessa comunidade e o culto público. Claro que estes elementos distintivos não são patrimônio exclusivo dessas estruturas. Na Igreja Histórica pode-se ter discipulado individual e na Igreja Caseira pode-se chegar a ter um grande profissionalismo, mas não deixam de ser elementos distintivos da outra estrutura.

O Modelo Cubano visa potencializar o aspecto de autorreprodução dos grupos caseiros, permitindo-lhes que se expressem plenamente como um corpo de crentes em Cristo, uma expressão exata da igreja local. Mas também atende a necessidade da representação, coesão, de orientação e expressão da unidade do Corpo de Cristo

¹⁰ Nota do autor: nesta seção, a mesma ideia será repetida intencionalmente de formas diferentes. Preferimos a redundância ao invés da falta de compreensão.

naquela localidade por meio da Igreja Histórica ali presente. Usando a nomenclatura do modelo cubano de Saúde Pública, a rede de Igrejas Caseiras seria como postos de saúde (unidades básicas), enquanto as Igrejas Históricas seriam as policlínicas ou hospitais (centros especializados) dentro de uma localidade específica.

3. PARTICULARIDADES

3.1 É inclusivo (integrador), não exclusivo (excludente)

O Modelo Cubano derruba as diferenças que atualmente levantam-se entre o chamado modelo de Igreja Tradicional e o recente Movimento de Igrejas nas Casas. Não parte da filosofia que alguns sustentam de “odres velhos e odres novos”, conforme a qual é necessária uma ruptura com a estrutura que tem existido até o momento, mas propõe uma filosofia integradora (a “do mestre da lei” - Mt 13.52) que considera a herança eclesial como uma ferramenta que nos trouxe até aqui e não como um erro e vê as novas estruturas como úteis, estratégicas e indispensáveis para o avanço do Reino. Não ocorre subtração, mas adição.

Ele não procura produzir uma nova igreja autóctone desvinculada da Igreja Histórica, mas a Igreja Histórica é considerada uma realidade cultural inevitável em nossa nação, presente há mais de um século, reconhecida e muito respeitada pelo povo cubano. Também admite que a subcultura das nossas igrejas históricas não está disponível para certas camadas das nossas comunidades, às quais se teria acesso cultural por meio da nova modalidade de Igreja Caseira.

Infelizmente, alguns dos principais defensores mundiais do movimento atual de igrejas nas casas manifestam-se com um espírito separatista que, na prática, faz aumentar o sectarismo dentro de nossos contextos, não tanto por aspectos doutrinários mas por aspectos estruturais. Muitas pessoas reúnem-se em casas não porque isso seja estratégico, mas pela insatisfação com os excessos das Igrejas Históricas, ou por conflitos com pastores e líderes das mesmas. Eles têm tanta desconfiança que as consideram um obstáculo no meio do caminho ou uma organização enferma que, caso não seja possível eliminar, pelo menos deve-se evitar para que não transfira seu DNA para o novo movimento de igrejas nas casas. São, segundo esta perspectiva, estruturas confinadas que com seu clericalismo e “programismo” não têm um DNA autorreprodutor.

O peculiar do Modelo Cubano é que não rejeita o modelo histórico de igrejas em templos. A Igreja Histórica é reconhecida como igreja de Cristo útil e indispensável. Além disso, o Modelo Cubano tampouco suprime o movimento de Igrejas Caseiras.

Não limita sua expressão corporativa confinando-o a realizar apenas algumas funções. No Modelo Cubano uma Igreja Caseira não é como uma célula do modelo celular; é uma das congregações que compõem a Igreja Local.

O Modelo Cubano oferece a possibilidade de que o novo movimento de Igrejas Caseiras demonstre a sua marca sob a proteção da Igreja Institucional, que a protege, entre outras muitas coisas, da tendência inevitável de se tornar institucionalizada, o que privaria imediatamente estas Igrejas Caseiras de sua eficácia na autorreprodução. O trabalho institucional é necessário, mas é mais vantajoso que o mantenha quem sempre o fez, ou seja, a Igreja Histórica. Este modelo não tira a potencialidade das Igrejas Caseiras, deixando que se expressem plenamente como igrejas, e livrando-as do peso da institucionalização; nem descarta a Igreja Histórica, permitindo que esta realize a função institucional que tem realizado com sucesso por muitos anos.

É verdade que o caminho da integração é geralmente o mais longo, mas também o mais coerente com o espírito de Cristo e com suas expectativas para a sua igreja. O caminho da paciência e do perdão sempre dará mais glória a Deus. Além disso, em Cuba vemos condições muito favoráveis para a assimilação de novas estruturas em muitas Igrejas Históricas. Nelas há uma disposição para mudança. A estes argumentos para a integração soma-se o fato de que estamos num tempo em que necessitamos de uma visão conjunta, do maior número possível de igrejas.

As rápidas mudanças que estão por vir farão com que as novas estruturas fiquem obsoletas mais rapidamente, exigindo mais e mais fragmentações estruturais em um mundo onde o que mais se precisa é de cristãos unidos. O Modelo Cubano criaria um bom precedente para a filosofia integradora, que adotamos diante das futuras estruturas que virão em torrentes.

Um princípio básico na plantação de igrejas é o estudo da história do evangelho no “grupo-alvo”. Evitar a participação da Igreja História em nosso esforço para saturar Cuba com o evangelho de Cristo seria violar um princípio básico da plantação de igrejas. Da mesma forma, evitar o ensaio de novas estruturas iria nos confinar à estagnação.

3.2 É nativo (autóctone)

Desde o início deste século, as igrejas têm sido submetidas cada vez mais a um bombardeio constante de novas estruturas administrativas que vêm de fora, que são postuladas como a melhor opção para o crescimento da igreja. Desde que a “Igreja com Propósitos”, de Rick Warren, chegou às nossas igrejas abriu-se uma comporta

que criou uma cascata de opções estruturais que longe de diminuir aumenta cada vez mais: “Desenvolvimento Natural da Igreja” com a literatura de Christian Schwartz, “Igreja em Células” com a literatura de Joel Comiskey, “Igrejas simples” de Geiger, “Igrejas nas Casas” de acordo com Frank Viola e Wolfgang Simpson. E estamos falando apenas de opções administrativas, pois se contássemos as tendências doutrinárias não saberíamos quando iríamos acabar.

Todas elas cativam nossos pastores que, com uma forte ênfase empresarial, se esforçam para estar em dia com as últimas coisas da “administração da igreja”. É, na verdade, uma forma de mostrar que somos bons profissionais. O “transicionismo” no qual alguns líderes têm caído pode chegar a afetar seriamente nossas Igrejas Históricas. Mesmo assim, reconheço que estão em condições piores aquelas igrejas nas quais seus pastores não têm sido impulsionados por qualquer esforço de renovação.

Mas o que eu considero mais grave neste assunto é que nenhum dos modelos adotados por nossas igrejas nasceu do nosso próprio contexto. É verdade que os cubanos são profissionais em adaptação, mas ainda assim sofrem as consequências ao adotar estruturas completamente descontextualizadas e divorciadas de suas realidades.

Mesmo quando Rick Warren adverte que não se copie o pacote do seu programa, a tentação é grande. Lembra-me o aviso modesto nas coloridas caixas de charutos cubanos que diz “*Fumar prejudica a sua saúde*”. Muitas de nossas melhores igrejas têm se esforçado para replicar todo este processo de discipulado. Algumas fizeram a campanha de 40 Dias com Propósitos com extrema fidelidade, respeitando até os sermões preparados por Rick Warren, que vive numa realidade totalmente diferente da cubana.

O Modelo Cubano nasce da realidade cubana atual. Propõe soluções para os problemas específicos, procura criar uma estrutura missionária para as Igrejas Históricas, ensina as igrejas a como conhecer suas comunidades, facilita o desenvolvimento de métodos evangélicos autóctones e leva em conta as realidades sociais, políticas, econômicas e eclesiais. Promove um discipulado que não depende de materiais, mas que somente requer a Bíblia (um dos maiores obstáculos em nosso sistema de discipulado é que não só são estrangeiros, mas também não temos os recursos para reproduzir tais materiais). Tudo isso sem colocar como pré-requisito uma transição na estrutura interna de nossas congregações históricas.

3.3 Gera uma nova dimensão na liderança das igrejas

O mono pastorado de tempo integral tem sido o modelo típico de liderança que as Igrejas Históricas têm praticado na maior parte do tempo. O Modelo Cubano cria uma nova dimensão na liderança das igrejas locais, o pastorado voluntário múltiplo. Aqueles que realizam o trabalho de pastoreio nas Igrejas Caseiras, ao lado do pastor da Igreja Histórica, podem formar um presbitério bíblico em sua localidade.

O papel da liderança na igreja é um dos temas mais discutidos atualmente e as posições oscilam de um extremo ao outro. Mas, como em todos os aspectos da vida, o equilíbrio é muito importante.

O fato de alguns líderes se comportarem como tiranos não pode afetar a responsabilidade diretiva da liderança na igreja. A liderança que Cristo tem colocado em Sua igreja não afeta a sua soberania sobre o seu Corpo. Ele não se ofende quando os líderes lideram, mas quando não o fazem adequadamente, seja por excesso ou por falta, a igreja sofre.

Este aspecto do Modelo Cubano promove a multiplicação saudável de líderes em meio a uma crise de liderança reconhecida por todos. É um sistema de reconhecimento pastoral bíblico e prático, sem implicações institucionais.

A determinação dos requisitos institucionais para a prática profissional do ministério pastoral é, em minha opinião, um dos principais obstáculos que o desenvolvimento e a multiplicação de líderes experimenta na maioria das igrejas evangélicas em Cuba. Esta é uma realidade para a qual finalmente encontraremos uma solução, mas não devemos esperar que sejam esclarecidos todos os requisitos que, como denominação, se exigirão daqueles que desejam ser reconhecidos institucionalmente como pastores para orientar nossas igrejas e ajudá-las a estabelecer em cada localidade pastores que, cumprindo os requisitos bíblicos, ministrem para as pessoas dentro da rede de igrejas caseiras que estão sob sua proteção institucional.

Embora admita que falar de pastores estabelecidos pela igreja de uma cidade mas não reconhecidos oficialmente pela denominação dá um tom de clericalismo oficializado, isso não me incomoda pelo fato de que, na prática, é o que está acontecendo, com a diferença de que a estes não se reconhece nem em nível de igreja local.

Além disso, o futuro sugere que, em Cuba, haverá uma mudança no papel institucional da denominação em direção à igreja local.

3.4 Tem a sua própria nomenclatura

Intencionalmente temos definido nossa própria nomenclatura. Entendemos que compatibilizar nosso fenômeno com outros que estão ocorrendo no mundo pode predispor conceitualmente as pessoas que tentam compreendê-lo.

Não falamos de crescimento da igreja, mas de **crescimento do Reino**. A expressão “crescimento da igreja”, cunhada pelo missionólogo Dr. Donald McGavran, originalmente referia-se à plantação de igrejas em toda uma comunidade. No entanto, para ser assimilada nos EUA, a expressão missionária sofreu uma mudança conceitual e tornou-se muito mais uma expressão de marketing. Perdeu sua ênfase de projeção ao mundo para ser o monopólio de uma congregação. Esse transgênico conceitual é o que temos recebido. Por isso, é muito comum que quando ouvimos sobre crescimento da igreja pensamos mais em um templo cheio de pessoas do que em uma comunidade cheia de igrejas. Para evitar este mal-entendido usamos a expressão “crescimento do Reino” para nos referirmos ao avanço do Reino por meio da saturação de igrejas saudáveis em uma região.

Não falamos de uma igreja autóctone, mas de **Igreja Sistêmica**. Avaliar o quanto uma igreja é autóctone é geralmente uma tarefa com muitas lacunas. Mesmo quando se trata de medir segundo o critério dos “autos” (autoimagem, autoliderança, autorreprodução, etc.) este pode ser muito ambíguo e insuficiente. Por exemplo, uma igreja pode ser classificada como autóctone e não ter um programa de expansão em sua própria Jerusalém. Também a igreja pode atender os parâmetros necessários para ser considerada autóctone e não ser culturalmente transcendente por ter caducado em meio a uma comunidade em tantas e rápidas mudanças. Nós preferimos a expressão “*Igreja Sistêmica*”, pois não enfatiza os requisitos que a igreja deve possuir ou os programas que deve cumprir para trabalhar de acordo com as funções, mas na forma como tem que ministrar à sua comunidade, levando-a a trabalhar de acordo com a missão.

Não falamos de igreja tradicional, mas de **Igreja Histórica**. O termo “tradicional” pode ser considerado pejorativo e em nosso contexto é geralmente interpretado como retrógrado ou estagnado. Além disso, um número cada vez maior de igrejas não são precisamente regidas pela tradição, mas foram capazes de enfrentar as transições importantes e romper as velhas estruturas. Na maioria há uma disposição de mudança, sendo que este é um fenômeno social em todas as áreas. Além disso, a membresia de nossas igrejas é formada por mais de dois terços de pessoas que aceitaram o evangelho nos últimos 15 anos e uma grande quantidade de

líderes do passado foi para o exterior ou para a eternidade, de maneira que a palavra “tradicional” não faz justiça a estas igrejas. Escolhemos então o termo “Histórica” porque realmente são igrejas que têm toda uma história de testemunho. Algumas delas, por mais de um século, têm sido faróis iluminando com a doutrina de Cristo em suas comunidades.

Não falamos de Igreja na Casa, mas de **Igreja Caseira**. Decidimos usar “Igreja Caseira” e não “Igreja nas Casas” e nem “Casa Culto”, porque a casa não tem a ver só com o local onde você se reúne, mas também com a dinâmica de suas reuniões. É uma igreja de estilo familiar, caseira, mais do que uma igreja que mantém a liturgia tradicional em uma casa (o que inevitavelmente levaria à institucionalização). As Igrejas Caseiras do Modelo Cubano têm diferenças substanciais das células do modelo celular. As células cumprem algumas das funções (evangelismo, ensino, comunhão...) de sua igreja, mas não libertam todo o seu potencial. Suas atividades ainda estão sujeitas a um programa central e sua participação nas reuniões de domingo são quase obrigatórias. Sem falar no que diz respeito à economia, nomeação de líderes, expansão missionária, prática das ordenanças, etc.

Não falamos da igreja local, mas a **Igreja da Localidade**. No Modelo Cubano não usamos a expressão “Igreja Local” porque a ênfase não está nos locais onde a igreja se reúne, mas na localidade onde a igreja se expressa de forma tangível e visível como o Corpo de Cristo. A expressão “Igreja da Localidade” nos satisfaz mais, porque sugere a tarefa missionária da Igreja e dá um sentido de singularidade que inclui a pluralidade.

4. VANTAGENS E FRAQUEZAS

4.1 Vantagens legais

Quando uma Igreja Histórica decide abrigar uma rede de igrejas caseiras em sua comunidade, experimenta um aumento dramático no número de pessoas que ela representa. Isso faz com que ela seja considerada com mais seriedade do ponto de vista legal. Não é a mesma coisa uma igreja composta de 300 pessoas e outra que representa uma comunidade de 3000 pessoas.

É um elemento tranquilizador para as Igrejas Caseiras de tal localidade o fato de terem amparo legal ao estar sob o “guarda-chuva” de uma Igreja Histórica, reconhecida pela Convenção e pelo governo. O modelo é muito útil para qualquer casa de família que atualmente queira oferecer-se como anfitriã de uma Igreja Caseira cubana.

O Modelo Cubano é uma solução muito vantajosa para a plantação de igrejas em nossas cidades onde a alta densidade demográfica faz com que em dois quilômetros (limite legal mínimo para oficializar outra igreja da mesma denominação) vivem dezenas de milhares de pessoas.

4.2 Vantagens em termos de estratégia

Difícilmente haja algo tão estratégico neste modelo como o fato de que ele não somente possibilita trazer a família para a igreja como também trazer a igreja para a família. Ao ser o complemento de duas estruturas que reforçam mutuamente suas fraquezas, um modelo muito saudável e eficaz é gerado. Como já foi explicado, a Igreja Caseira tem uma projeção horizontal, inserida na rua e não visível como instituição, enquanto a Igreja Histórica é projetada verticalmente, fixa como instituição e visível como tal para todas as pessoas. Isto é estrategicamente vantajoso.

No entanto, a prática que comumente temos tido nos últimos anos tem sido a de verticalizar ou levantar institucionalmente nossas igrejas nas casas uma vez que cumprem os requisitos legais e denominacionais. Esta verticalização ou institucionalização prematura das nossas igrejas tem causado, na maioria dos casos, um atraso no desenvolvimento das mesmas. Isso é lógico porque a instituição é uma estrutura que requer tempo e recursos para ser sustentada. Portanto, o elemento institucional deve incorporar-se à igreja local no momento em que seja útil e não antes, pois pode se tornar um incômodo.

Ao institucionalizar-se, uma igreja deve começar a atender todas as expectativas institucionais legais e denominacionais. Tanto o governo como a denominação impõem requisitos que em grande parte limitam nossas igrejas nas casas. Assim, nossas igrejas começam a trabalhar em função da instituição e não em função da missão. A institucionalização de uma igreja na casa torna-se um peso quando tem a intenção de representar uma única Igreja Caseira. Institucionalizar uma igreja na casa para representar a si mesma é como pedir ao jovem Davi que use a armadura de Saul. É por isso que este Modelo recomenda não institucionalizar até que seja totalmente indispensável.

A institucionalização deve ser uma ferramenta que ajude o desenvolvimento da Igreja Local e não a meta de cada uma das igrejas caseiras que a compõem. É diferente quando se trata de institucionalizar uma igreja caseira com o propósito de que se torne o “guarda-chuva” institucional de uma multiplicidade de igrejas caseiras já existentes em sua localidade. Não devemos esquecer que Cristo afirmou que o Reino começa de

forma quase imperceptível, escondido como o fermento, subterrâneo como a semente de mostarda. Claro que, uma vez que cresce, fornece sombra e abrigo para seus arredores.

Atualmente, a igreja está muito bem localizada em seus edifícios, mas seu ministério é mais eficaz e multiespacial uma vez que se difunde dentro da comunidade e cumpre as funções que Cristo lhe atribuiu de ser sal, ser fermento e ser luz que penetra em meio à escuridão de sua geração.

4.3 Vantagens ministeriais

A Igreja Caseira e a Igreja Histórica com templo se completam ministerialmente. Não no sentido funcional em que se complementam a igreja central e a célula no modelo celular, quando cumpre uma parte das funções e a outra o resto das funções. No caso do Modelo Cubano a complementação não é tanto em termos de funções, mas sim nos ministérios. Cada igreja, seja Caseira ou Histórica, realiza todas as funções necessárias no contexto para cumprir sua missão. No entanto, cada estrutura, por natureza, desempenha com maior eficácia determinados ministérios.

O grupo de crentes que se reúne como família de Deus em um ambiente caseiro tem mais probabilidade de comunicar o evangelho de maneira cotidiana, visível e compreensível para os seus vizinhos e amigos. É um ambiente muito mais informal, íntimo, familiar, que convida, não de forma agressiva ou intimidante nem de forma desconhecida, como no caso dos cultos de algumas Igrejas Históricas. A Igreja Caseira, num primeiro nível de ministério (evangelismo, discipulado básico, aconselhamento inicial, vida cristã normal), é mais eficaz do que a igreja que se reúne no templo. Por outro lado, esta última é, por natureza estrutural, muito mais eficaz no desenvolvimento de ministérios especializados que exigem profissionalização do ministro e uma infraestrutura de locais, recursos e administração dos quais dispõe.

Ambas as dinâmicas de ministério são necessárias e úteis. Eu não digo níveis, pois com ambas se pode chegar desde as bases do discipulado até um serviço maduro em Cristo. Só que uma dinâmica é mais familiar, caseira, reduzida em número, mais uniforme e popular, enquanto que a outra dinâmica é mais de afinidade, massiva e especializada. Uma é mais privada, pessoal e informal, enquanto a outra é mais pública, formal e oficial.

Ambas são necessárias quando se tenta desenvolver uma igreja que continua sendo uma e que, por sua vez, sirva a sua comunidade num espectro mais amplo e em todos os níveis sociais. Por exemplo, enquanto uma Igreja Caseira pode ministrar em todos os níveis a seus jovens, dentro de um ambiente familiar, estes podem ser muito edificados,

participando na Igreja Histórica de um ambiente mais profissional com outros jovens da localidade que são cristãos e que formam um grupo de afinidade. Por outro lado, um jovem que chegou ao conhecimento da verdade por meio do ministério da Igreja Histórica, recebe muito benefício para a sua maturidade espiritual se desfrutar do companheirismo e discipulado pessoal de uma Igreja Caseira.

Este modelo também tem vantagens para associações, mobilização, unidade interdenominacional, etc.

4.4 Fraquezas

- Não é um modelo consumado. Porém, tampouco tem sido, pelo menos no contexto cubano, qualquer dos modelos que se tentou implementar anteriormente.

- Demanda tempo para trabalhar com a mobilização de Igrejas Históricas.

- Corre-se o risco de que alguma das Igrejas Históricas absorva a natureza autônoma e autorreprodutora do movimento de Igrejas Caseiras que surgem dentro de sua localidade, o que limita a nova liderança em vez de promovê-la. Mas mesmo o apóstolo João foi incapaz de evitar que um Diótfes acreditasse ser dono da igreja.

- Não é improvável que o Movimento de Igrejas Caseiras decida adquirir status institucional e se separe da congregação histórica dando lugar a outra igreja separada dentro da mesma localidade. Mas algo que é apenas uma possibilidade com este Modelo é um fato inevitável desde o início com qualquer um dos outros modelos que se propõe atualmente.

Creio que todos estes são perigos basicamente evitáveis, se estivermos conscientes deles desde o início. No entanto, são insignificantes quando comparados com os enormes benefícios que o modelo pode trazer.

5. BASES BÍBLICAS

Pretendemos demonstrar que há evidências de que as igrejas do Novo Testamento eram compostas por várias Igrejas Caseiras que, entre todas, formavam a igreja local. Nem a multiplicidade de casas ameaçava a integridade da igreja local, nem a unidade da igreja em uma cidade ameaçava a expressão plena de cada uma dessas casas, que sem qualquer problema eram classificadas como igrejas. Não era a convenção de igrejas da cidade, mas a Igreja da localidade.

Enfrentamos o que chamo de caráter dual ou a dicotomia estrutural da Igreja Local: Geral-Particular, Institucional-Popular, Oficial-Clandestina e Cidadina-Caseira. Vejamos cuidadosamente cada uma das referências.

CIDADE	UMA IGREJA LOCAL	UMA REDE DE IGREJAS CASEIRAS
Jerusalém	At 2.47; 8.1; 15.4,22	At 1.12-15; 2.46; 8.3; 12.12,17 (Ref. 1)
Filipos	Fp 1.1 (Ref. 2 e 6)	At 16.15 e 40; 32-34
Tessalônica	ITs 1.1; At 17.1-9 (Ref. 3)	ITs 5.12,27 (Ref. 4)
Corinto	1Co 1.2	At 18.1-11 (Ref. 5)
Colossos	Cl 1.2 (Ref. 6)	Cl 4.9,17; Fm 1,2 (Ref. 7)
Éfeso	Ef 1.1 (Ref. 6); At 20.17 (Ref. 2), Ap 2.1	1Co 16.19,20 (Ref. 8); Ef 5.21-23 (Ref. 9)
Roma	Rm 1.7 (Ref. 10)	Rm 16.3-5; 10,11; 14,15
Antioquia	At 11.26; 13.1	At 11.24 (Ref. 3)

Referências do quadro

1. Nesta passagem, vemos que a igreja de Jerusalém tinha pelo menos dois lugares de reunião (a casa de Maria e o Cenáculo). Sabemos que seriam necessários muito mais lugares para reunir milhares de crentes que viviam ali. Os líderes religiosos reconheciam que eles “havam enchido Jerusalém com sua doutrina” (At 5.28).

2. A multiplicidade de bispos pode indicar que existiam várias igrejas caseiras que eram atendidas por eles. Será que seriam necessários vários bispos para o cuidado pastoral de pessoas que se reuniam em uma mesma casa?

3. O papel de Jason como patrono da igreja corresponde com os demais proprietários de casas que são mencionados no NT: Lídia em Filipos (At 16.15), Febe em Cencreia (Rm 16.2), Gaio em Corinto (Rm 16.23), Áquila e Priscila em Éfeso (Rm 16.4), etc.

4. Pode-se supor que havia uma pluralidade de igrejas caseiras em Tessalônica, o que parece ser confirmado pela pluralidade de presidentes ou governantes (*proistamenoí*).

5. Em Corinto havia uma pluralidade de igrejas caseiras que se reuniam individualmente nas casas (*oikos*) como as de Áquila e Priscila, Tito Justo, Estéfanos (1Co 1.16; 16.15-18), Erasto (Rm 16.23), Crispo, Gaio (1Co 1.14) e outros. No caso de Gaio não apenas se reunia uma igreja caseira (*ekklesia kat oikon*) como aquelas já mencionadas, mas ele oferecia sua casa para hospedar as diferentes congregações da cidade quando elas se reuniam como a igreja local (*ekklesia olé*) - Rm 16.23; 1Co 14.23. Corinto, na casa de Gaio, e Jerusalém, no templo, são dois casos em que o NT registra a reunião de toda a Igreja em um só lugar. Por Atos 18.10 deduzimos que em Corinto a igreja era composta por muitas pessoas.

6. A fórmula “os santos em Cristo Jesus que estão em...” deve ser entendida como referindo-se à igreja que está neste lugar. Analise cuidadosa e comparativamente os seguintes textos: Colossenses 1.2 e 4.13-16; Filipenses 1.1 e 1 Coríntios 1.2.

7. O problema que Paulo trata com Filemon não é apenas uma questão pessoal, mas que envolve toda a igreja em sua casa. No único caso em que uma igreja caseira é igual a toda a igreja é na cidade em que não havia uma multiplicidade de igrejas caseiras. Esse parece ser o caso da igreja em Cencreia (Rm 16.1,2).

8. Paulo escreveu sua primeira carta aos Coríntios de Éfeso (1Co 16.8,9), para onde havia viajado com Áquila e Priscila desde Corinto (At 18.18,19,26). Estes últimos estavam em Éfeso quando Paulo escreveu 1 Coríntios. De acordo com 1Co 16.19, Áquila e Priscila tinha uma igreja em sua casa e 16.20 indica que havia outros cristãos em Éfeso, que não se reuniam naquela casa. Os seguintes elementos evidenciam que a igreja de Éfeso era grande: a) o tamanho da equipe de trabalho que acompanhou Paulo; b) as muitas viagens para esta região e c) as muitas referências a ela em diferentes fontes (At 19.1-3; 20.4,17-19; 1Co 16.1-4; 1Tm 1.3; 2Tm 1.18; 4.12; Ap 2.1-3).

9. Tanto nesta epístola como na de Colossenses e nas Pastorais, Paulo apresenta seu Código de Família dentro do contexto da ordem da igreja. Isso é muito lógico quando consideramos que estas igrejas foram formadas por uma multiplicidade de igrejas caseiras, cujos membros eram basicamente *oikos* (famílias inteiras).

10. Reconhecemos que em nenhum lugar da Carta aos Romanos é dito que se reuniam todas as igrejas da cidade em uma só assembleia. Isto deve estar ligado ao fato de que era a maior cidade do Império, com mais de um milhão de habitantes.

Investigações sérias têm confirmado que durante o período anterior a Constantino os cristãos de Roma estavam geograficamente divididos, muito em sintonia com a realidade de que a cidade de Roma estava geograficamente segmentada em distritos como Trastevere e Via Ápia/Porta Capena, entre os quais havia grandes diferenças sociais. Este fenômeno se repete nas grandes cidades de hoje. Ainda assim, Paulo recomenda em 16.16: “Saudai-vos uns aos outros...”.

Watchman Nee faz a seguinte observação:

Naturalmente, surgirão perguntas sobre grandes cidades, como Londres. Serão contadas como ‘localidades-unidades’ ou como mais de uma? Obviamente Londres não é uma ‘cidade’ no sentido bíblico do termo, e não pode ser considerada como uma unidade. Mesmo as pessoas que vivem em Londres falam sobre ‘ir à cidade’ ou ‘ao centro’, o que revela o fato de que Londres e a cidade não são sinônimos. Os funcionários públicos e dos correios, assim como as pessoas comuns, consideravam

Londres como mais de uma unidade. Dividem-na em vilas ou municípios incorporados e distritos postais, respectivamente. O que eles consideram como uma unidade administrativa bem podemos considerar como uma unidade eclesiástica. Enquanto áreas rurais que tecnicamente não seriam classificadas como 'cidades', as mesmas também podem ser consideradas como 'localidades - unidades'. Diz-se de nosso Senhor que, quando estava na terra, passava por 'cidades e aldeias' (Lucas 13.22), a partir do que podemos ver que as áreas rurais, assim como as populações, são consideradas como unidades separadas... Qualquer lugar qualifica-se para ser uma unidade para fundar uma igreja, quando é um lugar onde as pessoas se agrupam para viver, um lugar com um nome independente, e um lugar que é a menor unidade política. Esse lugar é uma 'cidade' bíblica e constitui os limites da igreja local.¹¹

As estratégias que traçamos em grandes áreas urbanas têm que levar muito a sério a necessidade de segmentá-las apropriadamente. É oportuno recordar que quando no Novo Testamento se fala de uma região não se faz referência à igreja, mas às igrejas daquela região. Reforçando essa abordagem, o plano de uma localidade constitui os limites da igreja local.

As igrejas da Judeia	Gálatas 1.22
As igrejas de Samaria	Atos 9.31
As igrejas da Galileia	Atos 9.31
As igrejas da Síria e Cilícia	Atos 15.41
As igrejas da Macedônia	2 Coríntios 8.1
As igrejas da Galácia	1 Coríntios 14.33; 16.1; Gálatas 1.2
As igrejas dos gentios	Romanos 16.4

6. VARIAÇÕES DO MODELO

O Modelo Cubano pode se apresentar com diferentes variantes:

6.1 Uma Igreja Histórica que gera um movimento de Igrejas Caseiras em sua própria localidade

O caso mais comum é o que apresenta uma Igreja Histórica servindo como patrocinadora de um novo movimento de plantação de Igrejas Caseiras dentro de sua própria localidade. Esta igreja mantém sua estrutura como congregação específica,

¹¹ NEE, Watchman. *The normal christian church life*.

mas chega à convicção de que a Igreja da Localidade também se expressa de outras formas, com liturgias mais simples em casas.

O Modelo Cubano pode chegar a presenciar a Celebração da Igreja da Localidade, que é a reunião em que esporadicamente se une toda a igreja, tanto os membros das Igrejas Caseiras como os membros da Igreja Histórica. Ainda quando pelo crescimento da igreja o grupo de crentes dessa localidade não cabe em um só lugar, a reunião de um bom número deles não deixa de ser algo benéfico. Esta é uma boa oportunidade para o testemunho público e de companheirismo. É óbvio que em Jerusalém todos os crentes que existiam não cabiam no templo, mas isso não impedia que um bom número deles se reunisse ali.

A este tipo de Igreja Histórica chamamos de Igreja “Guarda-Chuva”, porque em muitos sentidos protege o resto das igrejas caseiras que estão em sua localidade. Uma Igreja Histórica que reconhece sua importância no desenvolvimento de um movimento de Igrejas Caseiras em sua própria comunidade é a melhor ferramenta com que o Modelo Cubano pode contar atualmente.

6.2 Um movimento de Igrejas Caseiras que gera uma igreja institucional

Outro caso é que um movimento de Igrejas Caseiras gere uma Igreja Institucional (por não existir anteriormente nessa localidade). Oficializam no momento adequado um local e uma liderança que darão representatividade, legalidade, conexão denominacional e institucionalidade para a igreja daquela localidade. Oficialmente para os homens existirá essa igreja. Não devemos esquecer que a Igreja é divina, mas também humana; com implicações celestiais e eternas, mas de ministério terreno.

Quando começamos em um grupo populacional sócio-geográfico que nunca teve uma igreja institucional (reconhecida denominacionalmente), é aconselhável não se apressar em sua oficialização e ao fazê-lo escolher a casa que apresente as melhores condições para que faça o papel de Igreja Institucional e sirva de “guarda-chuva” para o movimento de reprodução de Igrejas Caseiras.

6.3 Uma Igreja Histórica que gere um movimento de plantação de Igrejas Caseiras fora de sua localidade

É normal que um movimento de Igrejas Caseiras que se encontra sob o guarda-chuva de uma Igreja Histórica em uma determinada localidade se expanda tanto que cruze suas fronteiras e comece a se multiplicar dentro do território de outra localidade. Neste caso, a liderança da igreja dessa localidade deve zelar pelo desenvolvimento

saudável das novas igrejas nas outras localidades até que adquiram o caráter de um movimento de Igrejas Caseiras com a sua própria liderança.

Chegará o momento em que este movimento verá como saudável institucionalizar-se naquela localidade, por isso seguirá todo o processo necessário de seleção e oficialização de uma de suas casas para que, ao verticalizá-la, torne-se uma igreja institucional ou histórica, cumprindo as funções de uma igreja guarda-chuva em sua natureza institucional.

O mesmo pode acontecer não tão espontaneamente, mas com toda intenção dentro do planejamento de uma aliança estratégica de várias Igrejas Históricas que se propõem a unir esforços para desenvolver um movimento de Igrejas Caseiras em uma determinada localidade.

6.4 A Igreja Histórica funde-se com a Rede de Igrejas Caseiras

Outra variante do Modelo Cubano se apresenta quando uma Igreja Histórica, após o desenvolvimento de um movimento de plantação de Igrejas Caseiras em sua própria comunidade, decide que toda a sua membresia seja de expressão caseira e seus locais oficiais (institucionais) são destinados principalmente para fins de treinamentos avançados, ministérios especiais, celebrações, oficinas ou atividades evangélicas.

Não devemos esquecer que os templos são o único lugar público de que atualmente pode dispor a igreja cristã em Cuba. Claro que, nas outras variantes, também se espera que as Igrejas Históricas ofereçam seus locais como centros de formação e celebração, além de usá-los em suas atividades cotidianas como congregação.

Neste caso, é provável que se deixe de falar de igreja histórica e de igrejas caseiras para começar a falar da esfera institucional e da esfera popular da igreja e da localidade.

6.5 Uma Associação Interdenominacional de Igrejas Históricas em uma determinada localidade

Ainda há outra variante que, embora ousada e atualmente improvável, não podemos deixar de mencionar: é a que chega a protagonizar a junção de várias Igrejas Históricas de diferentes denominações que vivem na mesma localidade. Elas se unem, não organicamente, mas na visão, propósito, intenção, recursos e espírito para permear por meio de uma Igreja Sistêmica a sua comunidade e cumprir a missão até os confins da terra.

Admito que, embora esta última opção pareça mais ficção científica do que planejamento estratégico, causa-me paz de espírito.